revista ANTHROPOLÓGICAS
Ano 23, 30(2): 156-173, 2019

'A Palavra *Museu* não Existe em Abénakis: ela foi criada para representar essa realidade'

Entrevista com Nicole O'Bomsawin

Lara Erendira Almeida de Andrade[a]
Emmanuelle Piedboeuf[b]

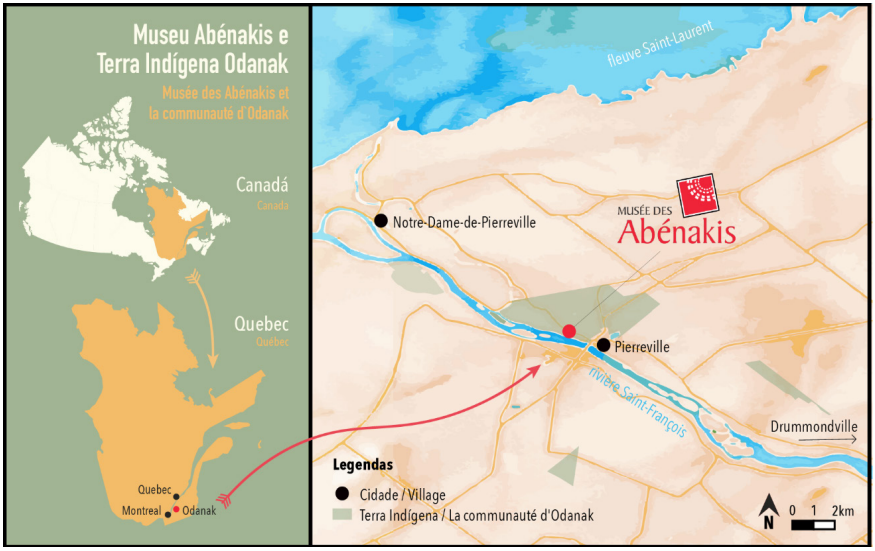
A palavra 'museu' não existe em abénakis:
ela foi criada para representar essa realidade.
(Societé historique d'Odanak, 2015, p. 7)

A frase que intitula esta entrevista foi reproduzida da epígrafe do livro 'O Museu Abénakis: já são 50 anos!' *(Le Musée des Abénakis: déjà 50!)*, publicado em 2015 para celebrar os cinquenta anos do Museu Abénakis *(Musée des Abénakis)*, a primeira instituição museal indígena[1] na província do Quebec, Canadá. O museu foi criado em 1965 na Terra Indígena[2] Odanak[3], num contexto em que uma antiga escola católica fechou as portas por déficit de estudantes. A iniciativa partiu de membros da comunidade e do então missionário Rémi Dolan, que reuniram esforços para conceber o grupo responsável pela gestão: a

a Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia (UFPE). Pesquisadora Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade (PPGA/UFPE). Email: laraerendira@yahoo.com.br.

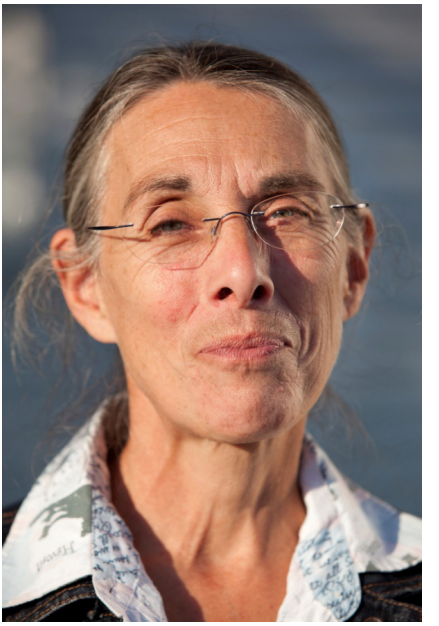
b Mestre em Práticas de Pesquisa e Ação Pública (INRS) e membro do Réseau de recherche et de connaissances relatives au peuples autochtones – DIALOG. Email: emmanuelle.piedboeuf@ucs.inrs.ca.

Sociedade Histórica de Odanak. Hoje o museu abriga uma coleção de 25 mil objetos e é visitado por mais de 5 mil pessoas ao ano, mais que dez vezes a população que vive nas terras indígenas abénakis no Quebec *(La Société historique d'Odanak)* (Conseil des Abénakis – Odanak 2019; Société historique d'Odanak 2015).



Localização do museu (português/francês).

No intuito de contribuir na reflexão em torno da ideia de *museologia indígena*, mostra-se oportuno apresentar a história do citado museu. A partir da frase que intitula essa entrevista, nossa ideia é compartilhar como essa figura institucional, que não existia nem mesmo na língua abénakis, foi se transformando no que é hoje e os sentidos indígenas dado a ela. Nossa ideia não é tratá-la de forma genérica, mas a partir da história de vida de uma das principais responsáveis por sua conformação ao longo das últimas décadas: Nicole O'Bomsawin. Nicole está envolvida com o museu desde seu início e foi sua diretora entre os anos de 1984 e 2005.



A entrevista foi realizada no mês de novembro de 2019 em Laval, Québec[4]. O texto que apresentamos a seguir é apenas uma parte do diálogo no qual O'Bomsawin narrou sua história de vida e como ela foi se encontrando com o museu ao longo das décadas. Em nossa conversa, ela apontou dois sujeitos principais em sua formação: seus avós, que lhe transmitiram os conhecimentos tradicionais de seu povo, bem como lhe introduziram no campo das artes de uma forma geral; e seu pai, principal influenciador no campo da ação política. Além disso, sublinhou sua trajetória de formação acadêmica.

Nicole cresceu na Terra Indígena Odanak. Aos três anos foi morar com os avós maternos, pois, à época, era uma prática tradicional entre os Abénakis que a responsabilidade de criar as crianças fosse passada dos pais para os avós. Essa vivência do dia-a-dia com os mais velhos marcou toda sua vida e foi notadamente neste cotidiano que o conhecimento de gerações lhe foi transmitido. Seus avós eram atuantes na igreja da comunidade: sua avó tocava órgão e seu avô dirigia o coral, como seu bisavô fizera antes dele, e ambos cantavam.

Se por um lado Nicole atribui sua atuação no campo cultural aos seus avós, por outro, ela confere a seu pai a influência em sua atuação no campo político. Em nossa conversa, ela falou como, na adolescência, seu pai a levou a refletir sobre "aprender a influenciar os outros pelo bem comum". Hoje Nicole não é reconhecida apenas por sua atuação no campo da cultura, mas igualmente por seu engajamento na orga-

nização das Mulheres Indígenas no Quebec (Femme Autochtones du Québec – FAQ) e pelo ativismo ecológico, como ela mesma destaca.

Também sublinhamos a sólida formação acadêmica de O'Bomsawin. Entre 1974 e 1977, fez graduação em antropologia em Montreal. Dez anos mais tarde, em fins de 1980, ela voltou à universidade, dessa vez para um mestrado em museologia, no intuito de aprimorar a atuação no museu do seu povo. Por fim, em 2011, após uma profícua trajetória, recebeu o título de *doutora honoris causa* pela Universidade de Montreal.

A epígrafe do livro *Le Musée des Abénakis: déjà 50 ans!* explica que a palavra 'museu' não existia na língua do seu povo, mas que ela foi criada para representar essa nova instituição na sua comunidade. Você poderia nos falar sobre como o museu surgiu?

Nicole O'Bomsawin – Vi o projeto do museu começar em Odanak quando ainda era uma criança, pois meu avô estava muito envolvido nas questões relativas à nossa cultura e à nossa língua. Naquela época, o prédio da escola estava fechado e muitos dos nossos mais velhos pensaram que algo poderia ser feito lá no intuito de fortalecer nossa cultura. Foi Rémi Dolan, jovem missionário que chegou a comunidade em 1959, que possibilitou concretizar a ideia de transformar o prédio da escola em um museu. Ele conhecia bem nosso povo e disse que tínhamos uma grande riqueza cultural, e que deveríamos trabalhar para conserva-la.

No entanto, as pessoas da comunidade não sabiam o que era um museu. Então, o padre Dolan organizou uma excursão com um grupo de anciãos ao *Museu do Homem* – atual *Museu Canadense de História*, em Ottawa, para que eles conhecessem as coleções indígenas ali presentes. Após a visita, eles disseram a si mesmos que criariam o museu para valorizar nossa cultura, mas não tinham consciência do trabalho necessário.

Em 1962 o museu montou as primeiras exposições, graças aos esforços da comunidade, que conseguiu coletar cerca de 500 objetos *em-*

prestados das famílias abénakis. Nesses primeiros tempos, foi o padre Dolan quem assumiu as responsabilidades de curador, ele também guardava as chaves do museu e era responsável pelas visitas. Ninguém tinha formação em conservação, nem sobre a maneira de expor os objetos. O grande número de objetos exibidos dava a impressão de um 'gabinete de curiosidade'. Também surgiram alguns problemas relativos à preservação das peças mais frágeis, para as quais tivemos que encontrar vitrines ou suportes.

Nós da comunidade emprestamos nossos objetos ao museu porque estávamos orgulhosos em compartilhar nossa cultura. Entretanto, por falta de recursos, os objetos não foram devidamente protegidos. Assim, por volta de 1965, havia pessoas que visitavam o museu com a mente de colecionador e começaram a roubar objetos. Nós fomos à polícia, mas várias famílias já tinham perdido os objetos emprestados ao museu.

Imagem 1 – Escola Católica de Odanak. Imagem de 1910 que compõe a exposição permanente Revisitando a História (*Pemighassi 8jmow8gan / Fouiller l'histoire*) . "As [freiras da ordem religiosa de] Sœur Grises de la Croix ensinaram em Odanak a partir de 1886. Em 1902, uma nova escola – a Academia de Saint-Joseph – foi construída no local do atual Museu. As freiras lecionaram até 1959 quando, por falta de alunos, elas deixam Odanak" (Société Historique d'Odanak 2015:11. Tradução livre das autoras). Foto: Lara Erendira de Andrade.

Imagem 2 e 3 – As duas imagens acima são da exposição: *Wôbanaki : peuple du soleil levant* (Wôbanaki: povo do sol nascente). Segundo a descrição do museu: esta exposição permite descobrir o universo cultural e espiritual da Primeira Nação Abenaki, "a visita começa com uma projeção multimídia que conta a criação do mundo de acordo com a tradição desse povo milenar. Então, você é convidado a descobrir a história, o conhecimento e o *know-how* dos Abenakis, seguindo o ritmo das estações e dos meses lunares. Uma jornada que conta a história dos Abenakis e seu modo de vida ancestral de uma maneira autêntica, apresentando a herança tangível e intangível desta Primeira Nação." https://museeabenakis.ca/expositions. Fotos: Lara Erendira de Andrade.

Imagem 4 e 5 – As duas imagens acima são da exposição: *Pemighassi 8jmow8gan* (Revisitando a nossa História). Segundo a descrição do museu: "Escavações arqueológicas recentes revelaram vestígios de uma vila fortificada de Abenaki construída no início do século XVIII. Os arqueólogos desenterraram parte da paliçada, os restos de uma casa comprida, as fundações da primeira capela e comodidades domésticas, como bancos para dormir, plataformas de armazenamento e suportes de cozinha. Eles encontraram artefatos que comprovam a ocupação do local já em 1571". https://museeabenakis.ca/expositions/. Fotos: Lara Erendira de Andrade.

Imagem 6 – Musée des Abénakis, dezembro de 2019. O museu se encontra ao centro do quadrilátero histórico de Odanak são seus vizinhos outras edificação: a atual Igreja Católica (1902) e a capela dedicada à Nossa Senhora de Fátima (1947). Atualmente, o Musée des Abénakis tem duas exposições permanentes: Wôbanaki (O Povo do Sol Nascente) e Pemighassi 8jmow8gan (Revisitando nossa História). Além disso, possui um espaço para exposições temporárias e três exposições virtuais: Forte Odanak: 1704-1759 - Seguindo os passos de uma vila fortificada de Abenaki; Siga o guia! Abenaki guia em clubes particulares de caça e pesca em Mauricie; e Abenaki basketry: Ontem e Hoje. As exposições estão acessíveis no site: https://museeabenakis.ca/expositions/. Foto: Lara Erendira de Andrade.

Como a comunidade se organizou para responder a essas questões?

Nicole O'Bomsawin – Nós precisávamos de financiamento para proteger as coleções. Foi aí que as pessoas envolvidas decidiram criar uma organização que permitisse procurar subsídios para administrar o museu. Entretanto, os anciãos logo perceberam que não era possível criar uma organização sem fins lucrativos em uma terra indígena por causa da legislação vigente. Por esse motivo, a Sociedade Histórica de Odanak foi fundada em 1965, com sede em Notre Dame de Pierre-Ville,

cidade vizinha. Nos primeiros anos, conseguiu subsídios para equiparse com um sistema de alarme, vitrines para proteger as peças e móveis para expor os objetos.

Continuamos a receber subvenção, de forma que pudemos estruturar uma exposição permanente chamada 'A Vida dos Antepassados'. A exposição durou 30 anos e foi inteiramente realizada por pessoas da comunidade, engajadas em fazer a decoração com animais empalhados e personagens em movimento. Em 1984-1985, os animais empalhados que continham arsênico foram removidos e optamos por exibir artesanato em seu lugar. A exposição continuou assim por mais dez anos. As pessoas gostavam muito. Ela realmente marcou os primeiros anos do museu.

E você, Nicole, quando começou a participar das atividades do museu?

Nicole O'Bomsawin – Eu já estava lá desde o início. Aos doze anos eu entregava os ingressos de entrada. Não tinha idade legal para trabalhar, mas meu avô estava no conselho diretor do museu e me levava com ele. No começo era acompanhada por um responsável, mas depois já era capaz de fazer tudo sozinha. Aprendi a contar dinheiro e vender ingressos. Depois, tornei-me guia no museu, eu quem conduzia as visitas. Com o tempo tornei-me animadora e fui então responsável pelo engajamento de outros guias. Até que cheguei na direção. Eu de fato cresci no museu.

Cheguei ao conselho de administração em 1984. Naquela época, o Ministério da Cultura queria revisar suas normas porque alguns museus recebiam financiamento para cobrir seu funcionamento básico e outros, não. O Museu Abénakis foi subsidiado a partir de 1975, em pequenas quantias, três ou quatro mil dólares por ano. Era o suficiente para nós, pois só abríamos durante o verão.

Em 1984, o Ministério iniciou um grande projeto com todos os museus que eram apoiados. Nesse contexto nós recebemos um docu-

mento, um grande dossiê que deveria especificar informações estruturais do museu como: o espaço ocupado, metros quadrados da exposição, se havia sala de conservação, sala de arquivos, o número de visitantes, tamanho das janelas, aquecimento, etc. Era algo enorme. Responder a esse documento era, em si, uma missão para o museu continuar sendo subsidiado. A pessoa que estava no posto de direção naquele verão disse que não tinha forças para isso. Na época eu estava no conselho de administração e as pessoas me perguntaram se eu teria interesse. Eu vi o documento, sabia que tínhamos apenas seis meses, mas aceitei o mandato. Naquele momento o trabalho ainda era voluntário.

Quando você assumiu a direção, em 1984, além do dossiê do ministério da Cultura, quais eram as outras atividades?

Nicole O'Bomsawin – Nessa época, eu já tinha voltado a morar em Odanak, já tinha concluído meu bacharelado em antropologia e tinha três filhos. Eu me engajei de forma voluntária em todas as atividades. Tinha a responsabilidade de garantir que o museu continuasse sendo subsidiado. Logo no primeiro momento eu disse que havia coisas no questionário que poderia responder e outras que não tinha conhecimento para tal, que precisaria de pessoas com formação especializada. O conselho de administração concordou comigo.

Eu deveria apresentar o relatório em seis meses, mas deveria igualmente fazer o museu funcionar. Naquele ano tivemos de 6 a 7 mil visitantes durante o verão, era inviável fazer ambas as coisas. Assim, entrei em contato com o Ministério para explicar que, naquela estação, não era um bom momento para responder ao dossiê, principalmente porque eu era nova na direção e tinha que fazer muitas tarefas no museu. Então, entramos em acordo com o Ministério e combinamos que teríamos seis meses, a partir do fim do verão, no mês de setembro.

Naquela época, os critérios de financiamento do Ministério estavam vinculados a uma visão reducionista de espaço, ou de exposição, ou de reserva. Não havia financiamento para o escritório ou equipe.

Decidi então que, quanto mais exposição tivéssemos, mais dinheiro teríamos para desenvolver nossos projetos. Fizemos mais exposições, ocupamos o salão público e o salão multifuncional. Em 1984, tivemos um aumento em nosso financiamento. Eu disse ao Ministério que não era suficiente porque queria abrir o museu o ano todo, não apenas seis meses, como era até então. Naquela época, os funcionários preparavam as exposições do ano seguinte, neste tempo que trabalhavam com o museu fechado não recebiam nada. Hoje, temos vários funcionários em período integral.

Como você relacionou a direção do museu a sua vida pessoal?

Nicole O'Bomsawin – Em 1989, decidi voltar à universidade para cursar o mestrado em museologia. Eu queria parar para entender a prática, queria pensar se era possível uma *museologia indígena*. Ainda hoje existem objetos que pertencem às famílias indígenas e que estão no museu. Minha questão era se era possível pensar em uma museologia praticada pelos indígenas. Eu também queria aprender coisas práticas sobre conservação para retornar à comunidade. Eu também fiz pequenas formações específicas em relação às necessidades que o museu tinha. Isso foi até 1990.

Nos anos seguintes, até 1992, fui ensinar antropologia no CÉGEP[5], em Drummondville, cidade vizinha, porque era uma área que eu gostava. Depois de três anos me ofereceram o emprego e eu refleti sobre isso, pois o sistema tinha certas vantagens: renda regular, um salário melhor que o do museu, atividades a serem oferecidas às crianças, mas pensei na minha cultura e decidi voltar ao museu.

Em 1993, voltei ao museu e comecei a trabalhar no projeto de expansão. Em 1994, um arquiteto veio discutir as possibilidades que teríamos. Em 1997, demandamos uma maquete com uma ampliação, na proporção do prédio que temos hoje. Entretanto, foi apenas em 2005 que conseguimos o financiamento. Enquanto isso, também era necessário desenvolver o museu como tal.

Imagem 7 – A maquete e o desenho do projeto de expansão são objetos expostos atualmente no museu. Vista por fora, a expansão apresenta uma estética inspirada nas fortificações coloniais, com madeira justapostas. Foto: Lara Erendira de Andrade.

O que você quer dizer em desenvolver o museu como tal? Quais eram as principais questões práticas e políticas?

Nicole O'Bomsawin – Uma das questões era tomar iniciativa para trazer artistas indígenas contemporâneos ao museu. Precisamos entender que o artesanato e a história são importantes, entretanto, nós ainda estamos vivos! Devemos nos interessar em como se expressa nossa indianidade hoje. Queríamos colocar um lugar, um espaço para que esses artistas contemporâneos pudessem ser acessíveis aos membros da nossa comunidade. Afinal, é sempre bom estar em contato com a arte.

No começo, o mais difícil foi convencer os artistas indígenas a virem expor em um museu. Eles queriam expor em galerias de arte e eu entendia isso. Eu trabalhei e finalmente convenci alguns artistas

indígenas. Após dois anos seguidos de atividades foi mais fácil trazer outros. Enfim tínhamos um espaço consolidado para esse tipo de atividade. Nessa época tivemos 10.000 visitantes por ano.

Essas ações explicitavam que teríamos uma posição firme, que, quando as pessoas chegassem, a gente não daria o que *elas queriam*, mas sim o que *nós queríamos dar*. Esse foi um grande debate, mesmo entre o conselho de administração que no início dizia "mas se nós queremos que os visitantes venham, temos que dar a eles o que eles querem". Às vezes isso significava se 'vestir de índio', mas eu dizia 'não'. Eu sou indígena, mas nem sempre estou com roupas tradicionais.

Eu achava que era uma oportunidade para o museu dizer que hoje nós não somos assim, não usamos penas, não somos esse estereótipo, as pessoas tinham que saber disso. Existiam todos os aspectos políticos em jogo. Na época, não tínhamos muitos funcionários. Hoje temos uma equipe com camisetas estampando o nome do museu, eu acho ótimo. No início, havia visitantes, ônibus inteiros, que vinham e ficavam desapontados por não nos ver 'vestidos de índios'.

E como vocês lidaram com esta situação?

Nicole O'Bomsawin – A anedota que eu sempre conto é que havia uma agência de viagens – porque eram sempre elas que vendiam esse estereótipo – que me ligou e perguntou: "vocês poderiam dançar ao redor do ônibus antes dos turistas saírem?". Eu, porque tinha certeza de que era uma piada, respondi: "você quer que a gente atire flechas também?". Houve um silêncio. O agente viu que eu estava rindo, mas ele estava falando sério. Ele disse que era para turistas, franceses, europeus, não sei de onde eles vinham. Ele queria mesmo que eu fizesse isso!

Eu disse: "Se você quer dança, nós somos capazes, somos um povo de dançarinos. Temos nossas danças tradicionais: dança de caça, de pesca, de colheita, danças rituais, mas não temos a dança do ônibus! Se você quer dança, vai ter que pagar por isso".

"Eu e meus dançarinos não dançamos por nada. Eu trabalho no museu, mas eles não. Se você quer dançarinos, eu os encontro, vamos ter 6 ou 8. Nós vamos fazer um show de dança, o que ainda fazemos, em nossa própria cultura. Dessa forma explicaremos às pessoas quem somos. Você pagará por isso". Ao fim, esse grupo de turistas não veio, mas nós fizemos o show para outros grupos por alguns anos.

Nós nos dissemos que, possivelmente, haveria gente que pudesse gostar de ver um espetáculo de dança e música. Nós anunciamos que, se elas comprassem, eu poderia pagar meus dançarinos. Então fizemos a mesma coisa com as refeições. No começo, era eu quem fazia a sopa, quem fazia tudo. Depois, contratamos alguém para fazer isso. Eles nos pagavam e depois pagávamos a ela. Dessa forma, o museu também estava ajudando as pessoas a ganhar algum dinheiro. Não eram apenas os turistas que vinham aproveitar, tirar fotos e voltar para casa. Realmente houve uma troca. Isso ocorreu enquanto eu trabalhava na expansão do museu.

Como você integrava essas atividades ao cotidiano do museu?

Nicole O'Bomsawin – Enquanto isso, eu fundei a trupe de dança, pois, quando assumi a direção em 1984, percebi que havia perigo das danças se perderem. A cada ano havia menos danças e eu sempre amei dançar. Sempre fizemos o mesmo, o que quer dizer que há muitas danças que não fazemos mais, por todos os tipos de razões: não há pessoas suficientes ou as pessoas não as conhecem. Estávamos reduzindo a quase nada nossa tradição de dança.

Foi então que disse que deveríamos ensinar nossas danças, mas não falei dessa forma. Eu falei que precisava de jovens para dançar. Era 1985 e vila de Odanak estava em seu 325º aniversário. Era uma grande festa na qual colaborei com mulheres indígenas e com muitos comitês. Anunciei que, para promover o aniversário e o museu, íamos fazer um grupo de dança. Os jovens aprenderiam as danças e,

ao mesmo tempo, faríamos e venderíamos os espetáculos, pois assim poderíamos pagar nossos dançarinos. Foi o que eu fiz. E então, depois de 1985, as pessoas disseram "queremos continuar dançando", e continuamos. A trupe de dança se chamava *Mikôbaït*, que significa 'aquele que se recorda'.

Como a trupe de dança estava vinculada ao museu?

Nicole O'Bomsawin – Era ligada porque eu estava lá. Havia um palco no qual ficávamos um pouco mais altos e dançávamos lá. Foram os jovens que disseram que queriam continuar dançando depois do 325º aniversário, mas minha missão principal não era dançar e se apresentar, e sim transmitir a dança. Sempre integrei os mais novos. Sempre havia pessoas que diziam: "eu gostaria de aprender". Então eu dizia para virem. Começamos, no início, a integrar essas pessoas.

Dançamos até o momento que as pessoas começaram a sair porque foram estudar ou começaram a ter filhos. Depois, continuei com os mais jovens até o ano 2000. Naquela época, eu estava cansada e, fisicamente, não era mais capaz de continuar. Eu também tinha o grande desafio de expandir o museu, então deixei a trupe.

Os mais antigos de Mikôbaït disseram a si mesmos que estavam cansados de estar juntos e compartilhar a cultura, então criaram um grupo de músicas, que ainda existe, chamado *Awasisakakick*. Formado pelas pessoas que dançaram comigo. Eles começaram a tocar tambor e fazer músicas de Abénaki. No fundo, eles são os filhos de *Mikôbaït*.

Qual foi o contexto de sua saída da direção do museu?

Nicole O'Bomsawin – Paralelamente a tudo isso que discutimos aqui, o museu cresceu. De 2000 a 2005, o trabalho foi intenso para isso. Foram muitas tentativas, muitos degraus e desencorajamento, mas, ao mesmo tempo, eu acreditei, eu pensava que se não conseguimos,

nós perderemos a nossa coleção. Foi necessário *não* acreditar que *não* ia funcionar. Para tanto, tivemos que convencer o governo. Eu vinha falando sobre a expansão desde 1995, as pessoas do conselho de administração já não acreditavam mais, fui a única a acreditar neste projeto de 5 milhões de dólares. As pessoas me perguntaram "como você vai fazer para conseguir 5 milhões?", eu dizia "se quisermos, podemos". Foi feito! Não sem dificuldade.

Em todas as experiências há coisa magníficas e outras não. Percebemos que, quando coisas assim acontecem, nascem conflitos de onde você não poderia esperar. Em todo caso, eu não estou mais lá, embora ainda pudesse estar. Quem sabe eu tivesse mesmo coisas a fazer em outro lugar.

Entretanto, não me senti feliz de não ter terminado o que comecei. Gostaria de ter montado a exposição permanente, porque fui eu quem pensei ela: o cenário fui eu quem idealizei com outros profissionais; o discurso da criação fui eu e meu marido que pensamos; fui eu quem foi em busca dos profissionais para fazer tudo, mas eu não pude estar lá até a abertura. Eu fui tirada de lá, me disseram: "vai ser muito grande, você não será capaz". Mesmo depois de eu ter conseguido os 5 milhões de dólares. Foi triste, mas, ao mesmo tempo, eu saí de cabeça erguida. Sei que o que fiz beneficia a comunidade hoje. O museu é lindo e estou feliz com isso. Eu nunca negarei ele. Pelo contrário, se eles me chamarem, posso ir a qualquer momento. Por exemplo, fiz uma noite de contos lá no museu neste verão, mas não me envolvo mais no conselho de administração. Não mais.

Hoje eu ensino no Kiuna[6] e sempre levo meus alunos ao museu. Falo sobre sua história. Digo-lhes o quão rico pode ser, e como os objetos podem fazer com que os anciãos de suas comunidades falem sobre sua cultura. Tudo o que eu vivi no museu hoje me serve, especialmente desde que eu ensino no Kiuna.

Nesse meio tempo, quem ganhou mesmo foi o meu ofício de antropóloga. Nunca deixamos a antropóloga que há em nós! Eu digo isso a mim mesma frequentemente. O que faremos com a antropolo-

gia? Eu sempre digo que não precisa de lugar, se é isso que você ama, sempre haverá espaço!

Notas:

1 É importante sublinhar que ao longo de toda esta entrevista traduzimos a expressão *autochtone (em francês)* para *indígena (em português)*. Apesar de não serem equivalentes em termos de tradução literal, são aquelas que tem o mesmo sentido no uso do vocábulo politicamente adotado pelas populações nativas. Explica-se: (1) de um lado, no Quebec, a palavra *indienne (fr)* é considerada um termo pejorativo, sendo adotado o termo *autochtone (fr)*; (2) do outro lado, no Brasil, o equivalente, *autóctone (pt)*, é um vocábulo raro ou mesmo desconhecido, sendo adotado o termo *indígena (pt)*.

2 Utilizamos aqui o termo *Terra Indígena* para traduzir a unidade de regulamentação fundiária que no Quebec é chamada de *Reserve Indienne*. Nos casos em que utilizamos esta expressão em francês optamos por empregar o vocábulo politicamente adotado pelas populações nativas, comumente: *communauté* seguida do *nome do povo*.

3 Abénakis é uma das 11 nações indígenas que habitam a província do Quebec, Canadá. Eles vivem na porção centro-sul de tal província, na região administrativa de Laurentides; e estão igualmente presentes no nordeste dos Estados Unidos. A experiência aqui apresentada tem como palco justo um dos dois povos – no Quebec chamados de *Première Nation* (primeiras nações) , os Odanak, o outro povo se chama Wôlinak. Atualmente a população abénakise conta com 2.101 pessoas, das quais 400 vivem nas Terras Indígenas de Odanak e Wôlinak, que somam pouco mais que sete quilômetros quadrados, segundo dados do Conselho de Bando Odanak (2019). A Terra Indígena Odanak está situada há aproximadamente 100 km de Montreal e 170 km da cidade do Quebec, esta última capital da província. Para ter acesso à mais informações sugerimos acessar o site do Conselho de Bando Odanak: https://caodanak.com/.

4 A pesquisa, que teve como um de seus produtos este trabalho, contou com o financiamento da CAPES. A entrevista, bem como toda a transcrição e edição foi realizada em língua francesa pelas duas autoras do texto. Em seguida foi traduzida, por Lara E. A. de Andrade, para o português com o intuito de ser publicada neste número da Revista AntHropológicas no Brasil. A ideia desta entrevista surgiu no contexto do projeto *La justice et les droits des peuples autochtones* (JUSTIP), que tem coordenação de Irène Bellier, professora da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). As duas autoras desta entrevista pertencem a grupos de pesquisa vinculados a tal projeto, via seus orientadores, respectivamente: o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade (Nepe), vinculado a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil, coordenado pelo professor Renato Athias; e a DIALOG – Le réseau de recherche et de connaissances relatives aux peuples autochtones, vinculado ao Institut national de la recherche scientifique (INRS), Canadá, coordenado pela prof. Carole Levesque. A intenção surgiu em 2018 quando, Nicole O'Bomsawin, proferiu uma conferência intitulada *O Museu*

Abénakis de Odanak: entre história e modernidade (*Le Musée Abénakis d'Odanak: entre hoistoire et modernité)*, no contexto da 15º edição da Universidade Nômade, que ocorreu entre os dias 24 e 28 de setembro, na EHESS (Paris), evento realizado pela DIALOG que teve a EHESS como parceira nesta edição. A foto de Nicole em destaque compõe o acervo da Réseau Dialog.

[5] O CÉGEP – centro de ensino geral e profissional (*collège d'enseignement général et professionnel*) – é um tipo de estabelecimento de ensino público do Quebec, que oferta formação técnica e pré-universitária, e igualmente formação continuada.

[6] O Kiuna é um CÉGEP que tem como orientação o ensino baseado nas línguas e culturas dos povos indígenas, mais informações em: http://kiuna-college.com/.

Referências:

Conseil des Abénakis – Odanak. *Histoire***.** (https://caodanak.com/; acesso em 03/12/2019).

Société Historique d'Odanak. 2015. *Le Musée des Abénakis: déjà 50 ans!*. Odanak (Québec): Marquis.

Société historique d'Odanak. Musée des Abénakis. EXPOSITIONS. (https://museeabenakis.ca/expositions/; acesso em 27/11/2019).

Recebido em Novembro 2019.

Aprovado em Janeiro 2020.